



ATÉ Amanhã

★★ de RUBEM BRAGA ★★

14.1.58

INFANTILIDADES

A alegação mais infantil contra o rompimento das relações com a Rússia é exatamente a que se diz que, numa reunião secreta, impressionou os ministros militares. É tão infantil que não acredito que pudesse impressionar seriamente ninguém: não podemos ter relações com a URSS em 1958 porque em 1945 um sujeito chamado L. Slavin escreveu na «Gazeta Literária» de Moscou um artigo contendo ofensas ao nosso Exército.

Esse artigo foi que deu motivo a um protesto de nosso embaixador; uma resposta truculenta do governo russo levou o nosso ao rompimento. Naquele tempo a diplomacia soviética era mesmo de arranca-tóco, e não tivemos alternativa. Mas ressuscitar, 13 anos depois, um tolo artigo de um vago Slavin para reacender os melindres de nossos generais, isto não é uma coisa séria. Seria o mesmo que dizer: não podemos reatar relações com a Rússia porque estamos de relações rompidas.

Não creio, já disse, que relações comerciais e diplomáticas com a Rússia façam chover arroz e felicidade no Brasil. Creio apenas que é normal que tenhamos relações com todos os países do mundo. Essas relações não implicam em sujeição, adesão ou amor, nem mesmo em simples amizade. Podem ser mantidas em base de estrita cortesia, e bastarão para permitir o diálogo direto sobre qualquer assunto que possa interessar aos dois países. Na ONU e em vários de seus organismos nossos delegados trabalham habitualmen-

te lado a lado com russos e diplomatas de outros países comunistas, e o fazem sem trocar sopapos nem caneladas. Muitas vezes defendem pontos de vista idênticos e votam de igual maneira, embora quase sempre diverjam nos assuntos vitais da política internacional.

Além disso, por que diabo podemos ter relações com países satélites e não com a própria URSS? Esta pergunta basta para mostrar como é sem consistência a tese de que uma embaixada russa no Brasil seria principalmente um centro de espionagem. Espionagem poderia a Rússia fazer através de diplomatas, vamos dizer tchecos, sem falar nos comunistas brasileiros.

Uma discreta vigilância em torno de um minúsculo pessoal de embaixada bastaria em todo caso para afastar esse perigo; mas se interessam ao governo russo as relações com o Brasil é de supor que ele usaria ou usa para seu serviço de informações confidenciais pessoal cuja prisão não importe em incidente diplomático.

A interdição a bordo, em Belém do Pará, de tripulantes de um navio russo empenhados em pesquisas do Ano Geofísico Internacional é bem a expressão dessa «política de segurança» feita de picuinhas e de bobagens. Dona Odete até parece uma dessas mães assustadas que não quer que seu filhinho nem cumprimente uma mulher de hábitos duvidosos. Mas, dona Odete, o menino já está ficando crescido...